

Um Jardim de Romas – Parte 3

As Sephiroth

No capítulo anterior sugeriu-se a ideia de que a cabala é o sistema mais adequado para a base de nosso alfabeto mágico, no qual podemos depositar todo nosso conhecimento e experiência — religiosa, filosófica e científica.

O Alfabeto Cabalístico é, como vamos explicar, um sistema elaborado de atribuições e correspondências; um método conveniente de classificação que capacita o filósofo para classificar suas experiências e ideias tal e como as obtém.

Ele pode ser comparado a um fichário de trinta e dois compartimentos, nos quais se arquiva um extenso sistema de informação.

Seria enganoso para o estudante esperar uma definição concreta de tudo que o fichário contém.

É totalmente impossível por razões muito óbvias.

Cada estudante deve trabalhar para si mesmo, uma vez que lhe foi proporcionado o método para situar a totalidade de sua constituição moral e mental nestes trinta e dois compartimentos.

A necessidade do trabalho pessoal se faz evidente quando se compreende que nos trâmites de negócios, por exemplo, não se deve adquirir um fichário com os nomes de todo o passado, presente e futuro correspondente já classificado. Fica bastante evidente que o fichário cabalístico (nossos trinta e dois Caminhos) tem um sistema de letras e números sem nenhuma utilidade em si mesmos, mas como os arquivos são completados, preparados para tomar um significado, diferente para cada estudante.

Com a experiência aumentada, cada letra e cada número receberiam ampliações novas de sentido e significado, e adotando esta disposição metódica poderíamos captar nossa vida interior de forma muito mais global.

O objetivo da Cabala Teórica — quando a separamos da Prática — é capacitar o estudante para três coisas:

Primeiro, analisar cada ideia em termos da Árvore da Vida.

Segundo, traçar uma conexão e relação necessárias entre todas as classes de ideias, relacionando-as com este modelo típico de comparação.

Terceiro, traduzir qualquer sistema de simbolismo desconhecido em termos de qualquer sistema conhecido por seus próprios meios.

Para expressá-lo de outra maneira, a arte de usar a ordenação de nosso fichário nos proporciona a natureza comum de certas coisas, a diferença essencial entre outras e a inevitável relação de todas as coisas.

Além disso, e isto é extremamente importante, mediante a aquisição de uma compreensão de qualquer sistema de filosofia mística ou religião se adquire automaticamente um entendimento de todos os sistemas quando relacionamos essa compreensão com a Árvore da Vida.

Por isso, finalmente, por uma espécie de associação de ideias impessoais e abstratas, se *equilibra* pouco a pouco o conjunto da própria estrutura mental e obtém-se uma visão simples sobre a incalculavelmente vasta complexidade do Universo.

Pois está escrito: “O equilíbrio é a base do trabalho”.

Os estudantes responsáveis necessitarão fazer um cuidadoso estudo das atribuições detalhadas neste estudo e aprendê-las de memória.

Quando, com constante aplicação ao seu próprio sistema mental, se entende

em parte o sistema numérico com suas correspondências — opondo-se a ser simplesmente memorizado —, o estudante se assombrará ao encontrar uma nova luz iluminando-o a cada passo, enquanto segue relacionando todos os detalhes na experiência e na consciência com este modelo padrão. Um cabalista recente, senhor Charles S. Jones (cujo pseudônimo é Frater Achad) escreveu o seguinte em seu Q.B.L.:

É de primordial importância que os detalhes do Plano sejam "memorizados". Esta é possivelmente a razão principal para que nos primeiros tempos a cabala tenha sido transmitida de boca em boca e não por escrito, pois somente "dá fruto" na medida em que arraiga em nossas mentes; podemos falar dela, estudá-la em certa medida, fazer jogos com ela em um papel, etc., porém ATÉ QUE a mesma mente não assuma a Imagem da Árvore e possamos ir mentalmente de galho em galho, de correspondência em correspondência, visualizando o processo e convertendo-o dessa forma em uma Árvore Viva, não veremos a Luz da Verdade descender sobre nós. Havendo-o conseguido, teremos, por assim dizer, triunfado em levantar uma haste sobre a Terra — como no caso de uma árvore jovem — e assim nos encontraremos em um novo Mundo, enquanto que nossas raízes estarão, todavia, firmemente implantadas em nosso elemento natural.

Mesmo o *Zohar* fala de uma influência espiritual chamada מְזֵלָא (Mezla), que descende de Kether à Malkuth, através dos Caminhos, vivificando e dando suporte a todas as coisas.

Esforçando-nos por implantar as raízes desta árvore viva em nossa própria consciência, estendendo diariamente com devoção, ternura e perseverança, encontraremos quase imperceptivelmente um novo conhecimento espiritual que brota espontaneamente em nosso interior.

O universo começará, então, a mostrar-se como um Todo sintético e homogêneo, e o estudante descobrirá que a soma total de seu saber se unifica, e lhe acha capaz de transmutar os Muitos no Uno, inclusive no plano intelectual.

Este é, grosseiramente, descartando tudo aquilo que não é essencial, o objetivo de todos os místicos, não importa o nome que dão ao seu Caminho e qual dos muitos caminhos seguem.

Outro assunto preliminar deve ser tratado antes tentar uma verdadeira exegese das sephiroth.

Muitos cabalistas relacionam as cartas do Tarô com a Árvore da Vida; estas são uma série de representações pictóricas do Universo.

Eliphas Lévi escreve em *A História da Magia*:

A ciência hieroglífica absoluta tem como base um alfabeto no qual todos os deuses foram letras e todas as letras ideias, todas as ideias números e todos os números sinais perfeitos.

Este alfabeto hieroglífico do qual Moisés fez grande segredo em sua Cabala, é o famoso livro de Thoth.

As páginas deste "famoso livro" se denominam, também, o Atus de Thoth, sendo este último o deus egípcio da sabedoria. Court de Gebelin (Paris, 1781) observa:

Se ouvirmos dizer que atualmente existe uma obra dos antigos egípcios, um de seus livros que escapou às chamas que devoram suas soberbas

bibliotecas e que contém suas doutrinas mais puras...

Se acrescentarmos que este livro esteve acessível a todos durante séculos, ele não seria surpreendente?

E não chegaria essa surpresa a seu máximo nível se nos assegurassem que a gente não suspeitou nunca que fora egípcio, que apenas podem dizer que o possui, que ninguém tentou decifrar uma só página e que o resultado de uma sabedoria recôndita se contempla como um montão de desenhos indecifráveis, que não significam nada em si mesmos?...

Pois bem, este é um fato real...

Em uma palavra, este livro é o baralho das cartas do Tarô.

A lenda de Atus como a origem destas setenta e oito cartas é verdadeiramente uma das mais curiosas e interessantes, embora não se possa garantir a sua veracidade.

Conta que os antigos Adeptos, vendo que um ciclo de degradação espiritual e estancamento mental iriam descender sobre a Europa com o advento da chamada Era Cristã, estavam preocupados por elaborar planos para poder preservar todo o seu saber acumulado.

Seria guardado como reserva para a era em que os homens fossem suficientemente avançados e fossem espiritualmente imparciais para poder recebê-lo e que, não obstante, estivesse a sua disposição durante o período intermediário, inclusive durante o ciclo de total languidez mental, para que qualquer membro da comunidade que sentisse a necessidade interior de dedicar-se aos estudos relacionados com a cabala tivesse um fácil acesso a ela.

Em assembleia no Santuário da Gnose, começaram a considerar o tema em todos os seus aspectos.

Um adepto havia aventurado a ideia de reduzir todos os conhecimentos em alguns símbolos e glifos, lavrando-os em rocha imperecível, como fez o Rei Asoka na Índia.

Outros sugeriram escrever seus conhecimentos como eram e guardar os manuscritos em grandes bibliotecas subterrâneas — como a que Madame Blavatsky conta que existe atualmente no Tibete —, para ser abertos em uma data mais distante.

Nenhuma destas propostas cumpria as condições requeridas para satisfazer à maioria, até que um Adepto que estava, até então, descansado quase sem tomar parte nas discussões propôs algo:

Existe um método muito mais prático e inclusive mais simples.

Reduzamos todo nosso saber sobre o homem e o universo em símbolos que possam ser representados em desenhos adequados para poder ser usado como um jogo simples.

Desta forma a sabedoria acumulada durante séculos será preservada de maneira não ortodoxa, passando inadvertidamente pela massa, sendo a Filosofia dos Iniciados e, não obstante, se estará dando pistas aos que vão à busca da Verdade.

Esta admirável sugestão foi aceita pela Assembleia e um de seus membros, um Adepto hábil com o pincel, tinta e pena, pintou uma série de setenta e oito hieróglifos, representando cada uma um símbolo de um aspecto particular da vida, do homem e do cosmo.

E, desta forma, estas cartas chegaram até nós, sem deformar e praticamente intactas.

É certo que alguns artistas não habilidosos no emaranhado da Santa Cabala e que nem adeptos como foram os inventores das cartas, ao pintar cópias das cartas do Tarô as desfiguraram lamentavelmente, sem harmonia e em alguns casos omitido totalmente alguns dos símbolos existentes no grupo original dos desenhos.

Inclusive qualquer um com conhecimento da sabedoria arcana pode reconstruí-las com facilidade.

Foi apenas no século passado que tivemos uma declaração de Eliphas Lévi, que foi um homem encarcerado em uma masmorra, em solitário confinamento, sem livros nem instruções de nenhum tipo.

Inclusive a ele foi possível obter deste grupo de cartas um saber enciclopédico sobre a essência de todas as ciências, religiões e filosofias.

Ignorando a demonstração da típica verbosidade de Lévi, somente se faz necessário observar que, em vez de usar os dez dígitos e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico como a base de seu alfabeto mágico, Lévi adotou como sistema fundamental as vinte e duas cartas dos trunfos do Livro de Thoth, atribuindo-lhes este conhecimento e experiência de maneira semelhante às atribuições dos trinta e dois Caminhos da Sabedoria.

Alguns críticos ousaram opinar que a interpretação da Árvore da Vida sugerida aqui, sua utilização como um método de classificação, não "representa a verdade" e que não tem autoridade nas obras padrão da cabala.

Estas críticas não têm, de fato, nenhum fundamento.

Uma tentativa nesta direção está mais evidente no *Sepher Yetzirah*; o *Sepher ha-Zohar* está cheio das mais recônditas atribuições, muitas das quais não reproduzirei aqui, pelo desejo de manter a simplicidade.

Posso somente recomendar que aqueles que apresentam estas e semelhantes objeções deveriam consultar cuidadosamente o compêndio de Mr. Waite sobre a filosofia zohárica, *A Doutrina Secreta de Israel*, que substancialmente demonstra que a base de minha interpretação tem a aprovação da mais alta autoridade cabalística.

Vamos à exegese da Filosofia da Cabala em seus diversos aspectos.

Em primeiro lugar, tratemos mais a fundo os dez conceitos sephiróticos, dando no último capítulo, ao estudante, exemplos da forma de tratamento que ele mesmo será, então, capaz de seguir, estudando as atribuições de todos os Caminhos.

0. Ain

O universo, como a soma total das coisas e criaturas viventes, se concebe tendo sua origem primitiva no Espaço Infinito אֵין – Ain, "o Nada", ou Parabrahman, a Causa Sem Causa de toda manifestação.

Citando o *Zohar*:

Antes de ter criado nenhuma forma neste mundo, antes de ter produzido nenhuma forma. Ele estava só, sem forma, sem assemelhar-se a nada. Quem entenderia como era Ele, então, antes da criação, já que Ele não tinha forma?

O *Ain* não é um ser, é o NADA.

Aquilo que é incompreensível, desconhecido e impenetrável não existe — ao menos, para ser mais exato, na medida em que se refere a nossa própria consciência.

Blavatsky define esta realidade primal como um princípio onipresente,

eterno e ilimitado, sobre o qual é impossível fazer qualquer especulação, já que transcende em tal medida o poder das ideias e do pensamento humano que somente se conseguirá diminuí-lo com qualquer similitude.

O que é conhecido e denominado o é não a partir de um acontecimento de sua substância, mas de suas limitações.

Em si mesmo é impenetrável, impensável e indizível.

O rabino Azariel ben Menahem (nascido em 1160 D.C.), um discípulo, já mencionado, de Isaac o Cego, afirma que *Ain* não pode ser compreendido pelo intelecto nem descrito com palavras, pois não há nenhuma letra nem palavra para representá-lo.

Em outro sistema muito importante, esta ideia é representada graficamente de forma muito pitoresca como a deusa Nuit, a Rainha do Espaço Absoluto e a Resplandecência desnuda do azul noturno do céu — a Mulher com “o leite das estrelas (a poeira cósmica) escorrendo de seus peitos”.

É o absoluto ou o impenetrável do agnosticismo de Herbert Spencer; as três vezes grande obscuridade do casto sacerdote egípcio, e o Tao chinês que “se assemelha ao vazio do espaço” e que “não teria Pai; está mais além de todos os demais conceitos, mais alto que o mais alto”.

Em uma das meditações de Chuang Tzu encontramos que o “Tao é algo além das existências materiais. Não pode ser expresso, nem com palavras e nem com o silêncio. Nesse estado que não é nem de palavras e nem de silêncio, pode compreender-se sua natureza transcendental”.

A este conceito cabalístico ou princípio do zero se associa a definição de Deus ou de substância de Baruch Spinoza: “O que requeira para seu conceito o conceito de nada”.

Outro dos muitos símbolos usados pelos hindus para representar este Zero era o da Serpente Ananta, que engloba o universo; sua calda desaparece em sua boca representa a natureza reintegrante da Infinitude.

Kether

Para ser consciente de Si Mesmo, ou para fazer-se compreensível a Si Mesmo, *Ain* se converte em **אין סוף** *Ain Soph* (Infinidade) e todavia mais em **אין סוף אור** *Ain Soph Aur*, a Luz Absoluta Ilimitada; que então por contração (*Tsimtsum*, de acordo com o *Zohar*) se concretizou em um Ponto Central Sem Dimensões, Kether, a Coroa, que é a primeira sephirah da Árvore da Vida.

Outra forma de expressar esta mesma ideia é através do conceito de negatividade absoluta, as Forças Giratórias (*Rashith haGilgolin*) que pressagiam a primeira manifestação do Ponto Primordial (*Nekudah Rishonah*), que se converte na raiz primitiva da qual surgirá tudo mais.

Kether é a Mônada inescrutável, a raiz de todas as coisas, definida por Leibniz em relação à natureza extrema das coisas físicas e a unidade última de consciência, como um ponto metafísico, um centro de energia espiritual, não ampliável e indivisível, cheio de vida incessante, de atividade e força. É o protótipo do todo espiritual e, em verdade, de todas as coisas do cosmo. Nesta relação o leitor deveria recordar o seguinte extrato de *O Universo Misterioso*, onde Sir James Jeans escreve:

Isto demonstra que um elétron deve, ao menos em certo sentido, ocupar a totalidade do espaço... Eles (Faraday e Maxwell) descreveram uma partícula eletrificada... que lançava... “linhas de força”, através de todo o espaço (páginas 54-55).

O conceito científico do elétron matemático que ocupa "a totalidade do espaço" corresponderia ao conceito cabalístico de Kether no Mundo de Assiah. Os quatro mundos se explicam no capítulo 7.

Na cabala se inclui aquilo que se conhece com as dez sephiroth.

Especula-se a respeito sobre aquilo que estas implicam — Dez números, dez mundos ou dez sons?

A dedução geral de Cordovero é que se trata de princípios substantivos de *kehlím*, vasos de força, ou ideias categóricas mediante as quais se expressa a Consciência do Universo.

Uma passagem metafórica do *Zohar* afirma em relação a este ponto:

A água do mar é ilimitada e não tem forma.

Porém, quando se estende sobre a terra, produz uma forma...

O curso das águas do mar e a força que emite para estender-se sobre o solo são duas coisas.

Depois se forma uma imensa bacia com as águas que surgem da fonte; é o mesmo mar e que pode ser contemplado com uma terceira coisa.

Esta ampla concavidade d'água se divide em sete canais, que são como muitos tubos largos através dos quais se comunicam as águas.

A fonte, a corrente, o mar e os sete canais formam todos juntos o número Dez...

Depois a passagem segue explicando que a fonte ou Causa Primária de todas as coisas é Kether, a primeira sephirah; a corrente proveniente dela, a inteligência mercurial primitiva, é Chokmah, a segunda; e o mar em si mesmo é a Grande Mãe, Binah, a terceira; os sete canais citados são as sete sephiroth abaixo ou inferiores, como são denominadas.

Os cabalistas postulavam dez sephiroth, pois para eles o dez era um número perfeito, um número que incluía todos os dígitos sem repetição e continha a essência total de todos os números.

Isaac Myers escreve que o 0-1 acaba e 1-0, e o rabino Moses Cordovero, em seu *Pardis Romonim*, diz que "o número dez é um número que abarca tudo. Fora dele não existe outro, pois aquilo que está além de dez volta novamente à unidade".

Kether, a Coroa, é, pois, a Primeira sephirah.

Como Causa Primeira ou Demiurgo se denomina também Macroprosopus, ou o Grande Rosto no *Zohar*.

O número um tem sido definido por Theon de Smyrna como "o elemento principal dos números que, enquanto muitos podem ser diminuídos por subtração e está em si mesmo privado de todos os números, permanece firme e estável."

Os pitagóricos diziam que a Mônada é o princípio de todas as coisas e disseram, de acordo com Photius, os nomes de Deus, a Primeira de todas as coisas, o Criador de todas as coisas.

É a fonte das ideias.

A cabala doutrinal atribui a cada sephirah inteligências chamadas de diversas maneiras, Deuses, Dhyan Chohans, Anjos e Espíritos, etc., pois a totalidade do Universo nesta filosofia é guiada e animada por séries completas destas hierarquias de seres sensitivos, cada um com uma missão e função

particular, variando em seus graus respectivos e estados de consciência e inteligência.

Contudo, há uma consciência indivisível e absoluta, surpreendente em todas as partes de cada partícula e cada ponto infinitesimal no universo manifesto no Espaço.

Porém sua primeira diferenciação, por emanção ou reflexo, é puramente espiritual e permite a ascensão a um número de "seres" que podemos chamar deuses; sua consciência é de tal natureza, de tal grau de sublimidade, que superam os nossos entendimentos.

Sob certo ponto de vista os "deuses" são as forças da natureza; seus "nomes" são as leis da natureza; são, por conseguinte, eternos, onipresentes e onipotentes — unicamente, contudo, para o ciclo de tempo, embora seja infinito, onde se manifestam ou se projetam.

Os nomes dos deuses são importantes, pois de acordo com a doutrina mágica, saber o nome de uma inteligência supõe possuir, de imediato, um controle peculiar sobre ela.

O Prof. W. M. Flinders Petrie, em seu livrinho sobre *A Religião do Antigo Egito*, afirma que "o conhecimento do nome dá poder a seu conhecedor."

A Coroa, o primeiro dígito, se atribui o nome-Deus de אֵהִיֶּה (Eheieh), traduzido por "Serei", significando de forma distintiva que o esquema da natureza não é estática nem um sistema de existência onde os processos criativos tenham sido consumados já faz tempo, senão vibrante, progressivo e sempre favorecedor.

Seus deuses egípcios são Ptah, que, uma vez mais, de acordo com prof. Flinders Petrie, era um dos deuses abstratos — e o criador do ovo cósmico; e Amon-Ra — com o qual se identificava a Osíris —, rei dos deuses e "senhor dos tronos do mundo."

Seu equivalente grego é Zeus — identificado com Júpiter na teogonia romana — que se representa geralmente como o pai onipotente e o rei dos deuses e dos homens.

Os romanos consideravam Júpiter como o Senhor do Céu, o maior e mais poderoso dos deuses e lhe chamavam de o Melhor e o Supremo.

Nos sistemas religiosos da Índia é Brahma o criador, do qual surgiram os sete Prajapati — nossas sete sephiroth inferiores — que, por sua ordem, completaram a criação do mundo.

O diamante é atribuído a Kether, pois é a mais duradoura e reluzente das pedras preciosas.

Também, por várias razões, os antigos fizeram do cisne uma atribuição deste dígito.

Em todas as lendas o cisne é o símbolo do Espírito e do Êxtase.

As lendas hindus contam que o cisne (Hansa), quando lhe davam leite misturado com água, separava os dois, bebendo o leite e deixando a água — supunha-se que isto demonstrava sua destacável sabedoria.

O falcão também é uma correspondência.

Se recordarmos que Kether é a Mônada, o ponto de vista individual, podemos entender a atribuição do falcão, pois tem o hábito de permanecer sereno no ar, olhando para baixo, desde o éter azul à terra e contemplando tudo com total objetividade.

O âmbar cinza é o mais raro e preciso dos perfumes — embora contenha pouco perfume em si mesmo é o mais admirável como base de compostos, destacando o melhor de qualquer outro perfume com aquilo que possa estar misturado —, tem seu lugar nesta categoria de ideias.

A cor atribuída a Kether é o branco; suas atribuições no Tarô são os quatro Ases e no *Sepher Yetzirah* é chamado de "A Inteligência Admirável ou Oculta".

De acordo com o *Comentário das Dez sephiroth*, do rabino Azazel, cada sephirah tem três qualidades diferentes.

Primeiro, tem sua própria função como sephirah já descrita.

Seu segundo aspecto é o de receptor para comprovar a sephirah acima, ou a partir de acima, no caso, de Kether; e terceiro, transmite sua própria natureza, e aquilo que são recebidos de cima àquelas sephiroth inferiores (figura abaixo).

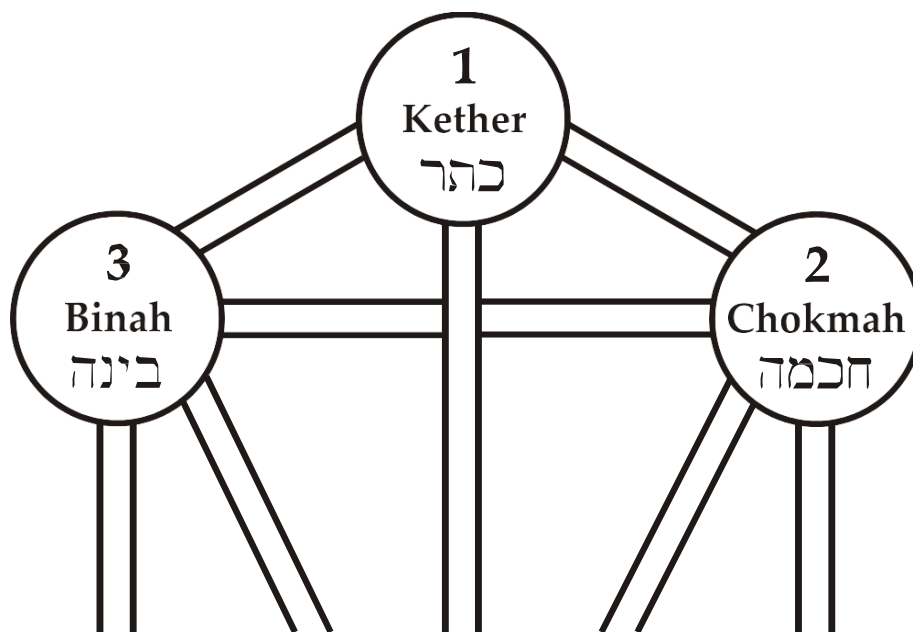


Figura: A Tríade das Supremas

Chokmah

A primeira sephirah (a essência do Ser — Espírito — Matéria) continha em essência e potencialidade às demais e dava lugar a elas em um processo que pode ser matematicamente estabelecido.

Samuel Liddell MacGregor Mathers pergunta: "De onde e como nasce o número dois?", e responde à pergunta em sua introdução de *A Kabbala Revelada*:

Pelo reflexo do Um em si mesmo.

Este último nos poderia fazer pensar que nos encontramos diante de outro conceito indefinível, mas o Um é perfeitamente definível.

E a definição que lhe corresponde, para conformar o número dois, simplesmente passa por um processo de duplicação, por intermédio de sua própria imagem; esse processo é chamado de Eidolon.

Dessa maneira, confirma-se a qualidade dual do número Um.

Com o Um também temos o começo de uma vibração estabelecida, que o Um vibra alternativamente, de sua imutabilidade à sua definição, para regressar

novamente à sua imutabilidade.

Isaac Ibn Latif (1220-1290 D.C .) também nos dá uma definição matemática dos processos de evolução:

Assim como o ponto se estende e se faz mais denso em uma linha, a linha no plano, o plano no corpo desenvolvido, da mesma forma se revela a manifestação de Deus.

Se por um momento tentamos pensar o que é a última diferenciação da Existência, veremos que, na medida em que podemos captá-la, é um mais e um menos, positivo e negativo, masculino e feminino, e assim esperaríamos encontrar na Árvore da Vida que as duas emanções que seguem de Kether participem destas características.

Descobrimos como a segunda sephirah, Chokmah ou Sabedoria, é masculina, vigorosa e ativa.

Chama-se o Pai, é o nome divino, é י"ה (Yah), e o coro de anjos apropriado é o Ophanim.

Tahuti ou Thoth é uma atribuição desta sephirah de Sabedoria, pois era o deus das escrituras, da aprendizagem e da magia.

Thoth é representado com a cabeça do deus Íbis e, de vez em quando, tem um macaco ou um mandril ao seu serviço.

Palas Atena atribui a Chokmah na medida em que era a outorga de dons intelectuais e nela estão harmoniosamente combinados o poder e a sabedoria; é a deusa da Sabedoria que surgiu totalmente armada do cérebro de Zeus.

Na mitologia grega aparece como preservadora da vida humana e instituiu a antiga corte do Areópago em Atenas.

Também é Minerva no sistema romano, cujo nome os filólogos consideram que contém a raiz do *mens*, o pensar; é, portanto, o poder pensante personificado.

Maat, a deusa da Verdade, unida a Thoth, é outra correspondência egípcia.

Urano, como os céus estrelados, e Hermes com o Logos e o Transmissor da influência de Kether também são atribuições.

No taoísmo o *yang* positivo corresponderia a esta sephirah.

Chokmah é o elemento ativo vital da existência, o Espírito ou o Purusha da filosofia sankiana da Índia, pela qual se implica a realidade básica subjacente em todas as manifestações da consciência.

No sistema de Blavatsky, Chokmah seria aquilo que ali se denomina Mahat ou "Ideação Cósmica".

Para os budistas chineses seria Kwan Shi Yin; Vishnu e Ishvara para os hindus.

Chokmah é a Palavra, o Logos grego e o Menrah do Targum.

O *Sepher Yetzirah* a chama de "A Inteligência Iluminadora"; seu planeta é Urano — embora, tradicionalmente, se associa a esfera do zodíaco.

Sua cor é o cinza, seu perfume é o almíscar da orquídea; sua planta é o amarantho, que é a flor da imortalidade; e os quatro Dois do Tarô.

Suas pedras preciosas são o rubi, que representa a energia masculina da estrela criativa e a turquesa, que sugere *Mazloth*, a esfera do zodíaco.

O *Zohar* atribui também a Chokmah a primeira letra do Tetragrammaton YHWH, uma fórmula que explicaremos mais adiante.

O Yod (י) também tem a atribuição dos quatro Reis do Tarô.

Deveriam seguir-se as atribuições do Tetragrammaton cuidadosamente, pois a ele se devem muitas das especulações do *Zohar*.

Binah

Chokmah dá passagem à Binah, a terceira sephirah, *Aimah* a Mãe, que é negativa, passiva e feminina.

Será necessário consultar o diagrama adjunto para compreender como continua a formação da Árvore.

O três é Binah, traduzido por Entendimento e se atribui a Saturno, o mais ancião dos deuses, e o Cronos grego, o deus do tempo.

É Frigg, a esposa de Odin escandinavo, e a mãe de todos os deuses.

O três também é Sakti, a consorte do deus Shiva, que é a Destruidora da Vida.

Sakti é aquela energia universal, elétrica e vital que une e reconcilia todas as formas, o plano do Pensamento Divino, que é Chokmah.

Binah é *maya*, a energia universal da Ilusão, Kwan Yin do budismo chinês, o *yin* do taoísmo, a deusa Kali das religiões hindus ortodoxas e o Grande Mar de onde surgimos.

A imagem hindu de quatro braços de Kali é a mais gráfica.

Em seu pescoço está pendurado um colar de caveiras e ao redor de sua cintura está um cinturão de braços humanos em ouro.

Em sua mão esquerda que está mais abaixo, sustenta uma cabeça humana decapitada, também de ouro e na superior uma espada.

Com sua mão direita inferior oferece favores a seus devotos, com a superior um símbolo para não temer nada.

As caveiras e a espada representam seu terrível lado destrutivo, Kali; e suas mãos direitas oferecem favores e intrepidez; seu lado benigno é similar ao comunicado pelo conceito egípcio de Ísis.

É, às vezes, doce e terrível — como a natureza —, criando e destruindo alternativamente.

No sistema teosófico, um aspecto de Binah é *Mulaprakriti*, ou substância de raiz cósmica que, como observa Blavatsky, deve contemplar-se como a objetividade em sua abstração mais pura — a base auto existente cujas diferenciações constituem a realidade objetiva subjacente nos fenômenos de cada fase da existência consciente.

É aquela forma sutil da matéria que tocamos, sentimos e respiramos, sem o mais ligeiro conhecimento de sua existência.

A *Cabala*, de Isaac Myers, estabelece o princípio de que a matéria (a Substância passiva espiritual de Ibn Gabirol) se corresponde sempre com o princípio feminino passivo para ser influenciada pelo princípio formativo ativo ou masculino.

Em suma, Binah é o veículo substancial de cada fenômeno possível, físico ou mental, da mesma forma que Chokmah é a essência da consciência.

Sua cor é o preto, já que é negativo e receptivo de todas as coisas; a pedra preciosa que lhe é atribuída é a pérola, por ser a pedra típica do mar, e também por referir-se à maneira em que a pérola tem sua origem, no interior da matriz obscura de uma ostra.

Seu título no *Yetzirah* é "A Inteligência Santificante"; suas plantas sagradas são o cipreste, o lírio e a papoula; as cartas do Tarô são os quatro Três.

Seu símbolo é a pomba choca — o verdadeiro Shechinah ou Espírito Santo.

A letra do Tetragrammaton é o primeiro He (ה), e a atribuição do Tarô são as quatro Rainhas.

As três primeiras sephiroth, chamadas as Supremas, transcendem em todas as formas possíveis todos os conceitos intelectuais e somente podem ser entendidas mediante uma aprendizagem especializada em meditações e cabala prática.

As Supremas estão separadas daquilo que está abaixo delas por uma grande extensão, o Abismo.

As Supremas são Ideais; as outras sephiroth são Reais; o Abismo é o espaço metafísico entre ambos.

Em um sentido não tem nenhuma conexão ou relação com as Inferiores, as sete sephiroth situadas abaixo, refletidas por elas — apenas com Espaço em si mesmo é independente e não se vê afetado pela existência ou não há nada manifestado em seu vazio.

A causa da aparição de Kether, a primeira sephirah, é o ponto central sem dimensão, apresenta tremendos problemas.

Lao Tsu nos ensina que: "Tao criou a Unidade, a Unidade criou a Dualidade, a Dualidade criou a Trindade e a Trindade criou todas as coisas existentes."

A cabala doutrinal do rabino Azariel pressupõe que Ain Soph, a fim de criar o Mundo (a décima sephirah), foi "incapaz" de fazê-lo diretamente, porém o fez mediante Kether, que sucessivamente cria as outras sephiroth ou potências, culminando em Malkuth e o universo eterno.

O *Zohar* volta a apresentar esta hipótese.

Porém existe uma dificuldade, já que é claramente impossível para um conceito tão abstrato como *zero* o poder fazer algo.

Blavatsky, em sua obra monumental *A Doutrina Secreta*, reconhece esta dificuldade e se esforça por solucionar o problema estabelecido que o Absoluto (Ain) é incompreensível em si mesmo, tem vários aspectos a partir dos quais podemos considerá-lo — Espaço Infinito, Duração Eterna e Movimento Absoluto.

Este último aspecto está representado pela expressão hindu do Grande Alento de Brahma, indo e vindo, criando e destruindo os mundos.

Com a inalação cíclica do universo é afastado e deixa de existir; porém com a exalação começa a manifestação com a aparição de um *laya*, ou centro neutral, que chamamos Kether.

Esta lei cíclica ou periódica de manifestação cósmica não pode ser outra do que a Vontade do Absoluto em manifestar-se.

Em cujo caso necessitamos cair novamente, com toda precisão no antigo postulado de que O Absoluto manifesta o ponto, *laya* ou Kether, a partir do qual, finalmente, vai surgir tudo.

A visão de outro sistema é que o Universo é o eterno jogo do amor (*lila*, em sânscrito) de duas forças, sendo a positivas o ponto central Hadit —; o Espaço Negativo Absoluto.

Este último, representado como a Rainha do Espaço, Nuit — a "incitada filha do Ocaso" —, se concebe dizendo: "Pois estou dividida pelo amor de Deus, em virtude da união. Esta é a criação do mundo, em que a dor da divisão é nada e a alegria da dissolução é tudo."

Do ponto de vista de nossa doutrina cabalística, contudo, da incapacidade das faculdades intelectuais para solucionar estes problemas filosóficos insuperáveis — um fato que grande número de loquazes cabalistas ignoram constantemente ou esquecem —, seria melhor e muito mais razoável admitir que com a lógica não podemos justificar a existência da primeira sephirah, a partir da qual criou-se tudo.

Chesed

O número quatro é chamado de Chesed — Misericórdia —, inicia a segunda Tríade de sephiroth, que é o reflexo da Tríade das Supremas, além do Abismo (figura abaixo).

As três cores primárias ou elementares atribuídas às sephiroth desta Segunda Trindade são: azul a Chesed, vermelho a Geburah e amarelo a Tiphareth.

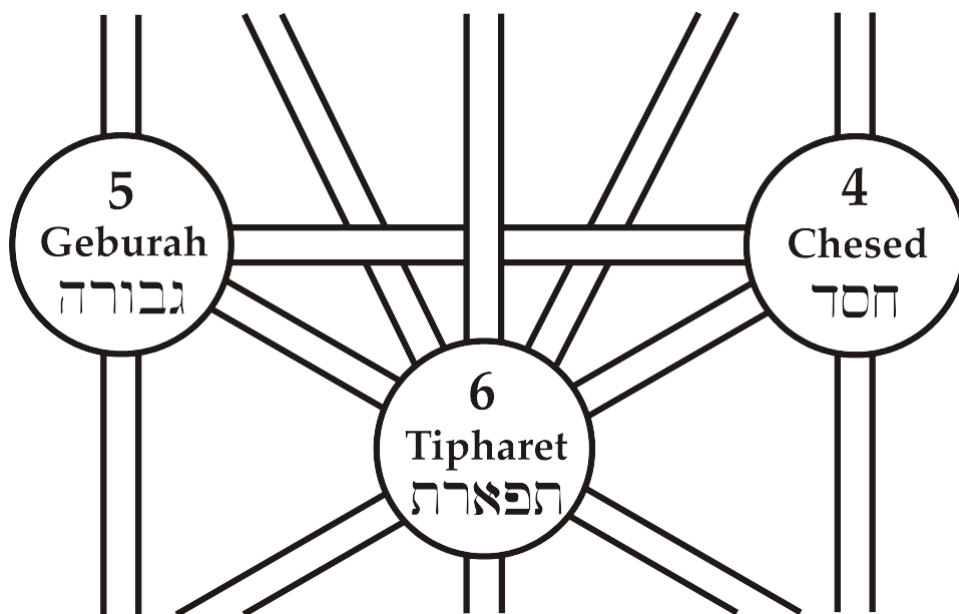


Figura: A Segunda Tríade

Da quarta à nona sephirah inclusive, são conhecidas como as *sephiroth habinjon* — as Potências da Construção —, e Myers mantém que simbolizam as dimensões da matéria, seja um átomo ou um universo: as quatro direções do espaço (de acordo com o *Sepher Yetzirah*) e os polos positivos e negativos de cada uma destas.

Chesed é masculino e positivo, embora lhe atribua a dualidade feminina da água.

O *Zohar* dá a Chesed outro título, *Guedulah* (גְּדוּלָה), a “Majestade” ou a “Grandeza”, ambas são qualidades do grande e benéfico Júpiter, que é o planeta atribuído a Chesed.

O *Sepher Yetzirah* lhe dá o título de “A Inteligência Receptiva”.

Por causa do aspecto aquoso desta sephirah, teremos a correspondência de Poseidon, o governador dos mares na mitologia, e Júpiter ou esse aspecto dele que originalmente, na antiga Roma, era uma divindade elementar ou tutelar, adorada como o deus da chuva, as tempestades e do trono.

Seu equivalente grego seria Zeus, armado com o trovão e o raio, o agitar em cujo eixo produz a tormenta e a tempestade.

A atribuição hindu é Indra, o senhor do fogo e do raio.

Amon é o deus egípcio e Thor, com o raio na mão, é a correspondência escandinava.

Aeger, o deus do mar nas sagas nórdicas, poderia também situar-se nesta

categoria; e as lendas insinuam que estava especializado em magia. Encontramos, então, com o fato de que Júpiter é o planeta que rege essa operação de magia prática, chamada a Fórmula do Tetragrammaton. De seus anjos se diz que são os "brilhantes" e seu arcanjo é Tsadkiel, que representa a Justiça de Deus. Os animais sagrados de Chesed são o unicórnio e o cavalo, este último porque, segundo a lenda, Poseidon criou o cavalo e ensinou aos homens a nobre arte de guiar um cavalo com a rédea. Suas plantas são o pinheiro, a oliveira e o trevo. Suas pedras preciosas são a ametista e a safira. Sua cor é o azul e as atribuições do Tarô são os quatro Quatros; seu metal é o estanho e seu perfume é o cedro.

Geburah

De Chesed surge Geburah, que é essencialmente um reflexo de Binah. Geburah, significando Fortaleza ou Poder, é a quinta sephirah feminina, à qual é dado o Nome Divino de *Elohim Gibor* (אלהים גבור), os "Deuses Poderosos".

Apesar de Geburah ser uma potência feminina, como são todas as sephiroth da coluna lateral esquerda da Árvore, praticamente todas as suas atribuições são masculinas e vigorosas.

Há um aforismo alquímico que diz: "O Homem é paz, a Mulher é o poder". Esta ideia é confirmada pelo sistema cabalístico.

As três sephiroth masculinas da coluna lateral direita são denominadas de Pilar da Misericórdia; enquanto que as três sephiroth femininas da esquerda formam o Pilar da Severidade.

A maioria das atribuições dadas a Chesed, a sephirah masculina, são femininas por sua qualidade.

Não se trata de uma confusão de pensamento, senão da necessidade de um equilíbrio.

Os deuses de Geburah são: Marte, que inclusive em linguagem popular é o acreditado deus da guerra, e o Ares dos gregos, que é representado disfrutando no estrondo e fragor da batalha, na matança de homens e na destruição de cidades.

Geburah representa, em um plano muito inferior, o elemento de força de Sakti atribuídos a Binah.

Nephthys, a Dama da Severidade, o duplo obscuro e a irmã de Ísis, se atribui a este dígito de número cinco, e desta forma esperaríamos que se manifestasse nesta sephirah uma qualidade semelhante à de Binah, porém muito menos pura, como uma força espiritual abstrata.

Thor é o deus norueguês da guerra e segundo as sagas, uma nuvem de cor escarlate sobre sua cabeça refletia o feroz lampejo de seus olhos; estava cheio de força e vestido com uma armadura e que o representava lutando em seu carro.

As armas mágicas de Geburah são: a espada, a lança, o chicote e o buril, todos sugerindo guerra e derramamento de sangue.

Seu metal é o ferro e sua árvore sagrada é o carvalho, ambas as atribuições são bastante claras, sugerindo fortaleza.

De fato, a qualidade de Geburah se resume na ideia geral de fortaleza, poder e força.

Tem-se sugerido que esta quarta e quinta sephiroth representam as energias expansivas e contrativas, centrípetas e centrífugas entre os polos das

dimensões, atuando sob a vontade do Logos, Chokmah.

O tabaco e a urtiga são correspondências, ambas por causa de sua natureza ardente e picante.

Sua cor é o vermelho, claramente marcial; e, portanto, o rubi, que é escarlate brilhante, o é harmonioso.

Sua criatura sagrada é o lendário basilisco de olho fixo, e as cartas do Tarô são os quatro Cinco.

De acordo com o *Sepher Yetzirah*, Geburah é chamado de “A Inteligência Radical”.

Tiphareth

A ação da quarta e quinta sephiroth, masculina e feminina, cria em sua reconciliação a sephirah Tiphareth, que é a “Beleza” e a “Harmonia”.

O diagrama a mostrará no centro de todo o sistema sephirótico, como comparável ao Sol — que, com efeito, é sua atribuição astrológica —, com os planetas que se movem ao seu redor.

Seus deuses são Ra, o deus solar egípcio que, às vezes, é representado como uma divindade com cabeça de falcão, e outras por um simples disco solar com duas asas; o deus Sol dos gregos, Apolo, no qual se reflete o lado mais brilhante da mente grega.

Em *Estudos Gregos*, de Walter Peter, lemos:

Apolo, a “forma espiritual” dos raios do sol, se torna exclusivamente ético (o elemento simplesmente físico de sua constituição se suprime quase por completo) — a “forma espiritual” de luz interna ou intelectual —, em todas as suas manifestações.

Representa a todas aquelas ideias especialmente europeias, de um estado razoável; da santidade da alma e do corpo... é um tipo de religião de equidade personificada, seu propósito é lograr a razão imparcial e a justa consideração da verdade de todas as coisas em todos os momentos.

Um conceito semelhante se encontra nessa seção do *Zohar* chamada *Idra Zuta*: Tiphareth é “a mais alta manifestação da vida ética, a soma de tudo que é bom; em suma, o Ideal”.

Hari, a atribuição hindu, é outro nome para Shri Krishna, o Avatar divino, atribuído aqui porque, sendo uma encarnação divina — nos quais ambos, o espírito e a matéria, estavam em completo equilíbrio —, expressava a ideia essencial implicada em Tiphareth.

Adônis, Iacchus, Rama e Asar são outras correspondências do número seis, devido a sua natureza inerente de beleza ou porque representam, de uma forma ou de outra, o disco solar, o qual todas a psicologia mística, antiga e moderna, são unânimes em atribuir a consciência espiritual.

O *Sepher haZohar* denomina o hexagrama agrupado ao redor de Tiphareth, o Microprosopus, ou o Rosto Menor.

Dionísio é outro deus atribuído à sephirah de número seis, por causa de sua juventude e sua forma graciosa, combinando a doçura afeminada e a beleza, ou por causa de seu cultivo do vinho que, usado cerimonialmente nos mistérios de Elêusis, produzia uma embriaguez espiritual análoga ao estado místico.

Também pode ser porque se dizia que Dionísio se transformou em um leão, que é o animal de Tiphareth, sendo o rei dos animais selvagens, e a realeza sempre foi representada em forma de leão.

Para explicar este paralelismo existem razões astrológicas, pois o Sol tem sua

exaltação no signo astrológico de Leo, o leão, que se considera um símbolo criativo do semblante feroz do sol do solstício de verão.

Baco, outro nome de Dionísio para fins guerreiros, é o deus da embriaguez, da ebriedade, um outorgador de vida sobrenatural ou imortal.

Em suas notas sobre *Baccus de Eurípides*, o Prof. Gilbert Murray escreve, em relação ao orfismo:

Todos os verdadeiros fiéis, em um sentido místico, se convertem em uma unidade com o Deus; nascem novamente e são "Bacchoi", sendo Dionísio o deus interior, a alma perfeitamente pura é possuída totalmente pelo deus e não se transforma em nada senão no deus.

A correspondência escandinava é, com toda probabilidade, o deus Balder, o favorito de toda a natureza, o filho de Odin e Frigg.

Anderson escreve: "na verdade pode-se dizer que ele é o melhor deus e que toda a humanidade o louvava com entusiasmo".

Além do leão, o animal sagrado de Tiphareth é a fabulosa ave fênix, que abre seu peito para que sete jovens possam alimentar-se de seu sangue e da vitalidade que brotam de sua ferida.

O pelicano tem uma lenda similar.

Ambos sugerem a ideia de um Redentor dando a sua vida por outros.

Murray conta em suas notas introdutórias, já mencionadas, uma anedota com uma implicação muito semelhante:

Semele, filha de Cadmus, sendo amada por Zeus, pediu a seu divino amante que aparecesse em toda sua glória; veio em forma de uma labareda de milagroso raio, no êxtase do qual Semele morreu, dando a luz prematuramente a um filho. Zeus, para salvar a vida da criança e convertê-la em deus o mesmo que em homem, desgarrou a sua carne e ali dentro criou a criança até que, a seu devido tempo, mediante um milagroso e misterioso Segundo Nascimento, o filho de Semele nasceu à vida completa como deus.

A acácia, o símbolo maçônico da ressurreição, e a videira, são as plantas de Tiphareth.

Seu perfume é a resina do olíbano.

Sua cor é o amarelo, devido ao Sol — a fonte tanto de existência espiritual como de vida física —, é sua iluminação.

As cartas do Tarô são os quatro Seis.

À Tiphareth se dá o título de Filho e a letra Vau (ו), do Tetragrammaton, e os quatro Príncipes ou Cavalheiros (Valete) do Tarô.

O *Sepher Yetzirah* chama esta sephirah de "A Inteligência Mediadora".

Suas joias são o topázio e o diamante amarelo, assim atribuídos por causa de sua cor.

Netzach

Tiphareth completa a trindade de sephiroth que forma a Segunda Tríade que, por sua vez, se projeta na matéria formando uma terceira Tríade da seguinte maneira:

Netzach é a primeira sephirah da Terceira Tríade (ver figura abaixo) e que significa Vitória.

Às vezes é denominada Eternidade e Triunfo.

É a sétima potência e é atribuída a Niké (Vitória).

Em seus *Estudos Gregos*, Walter Pater escreve:

A Vitória, nos conta a ciência mitológica, significou originalmente somente a grande vitória do céu, o triunfo da manhã sobre a obscuridade.

Porém esta manhã física de sua origem exerce também seu ministério sobre o sentido estético posterior.

Pois se Niké, quando aparece em companhia dos mortais, e como herói totalmente encarnado, em cujo carro permanece para guiar os cavalos, ou a quem coroa com sua grinalda de salsa ou de louro, ou cujos nomes ela escreve em seu escudo, é concebida imaginativamente, é porque as antigas influências celestes não estão, todavia, suficientemente suprimidas em seus olhos penetrantes e o orvalho da manhã está, todavia, aderido a suas asas e a seu cabelo flutuante.

Astrologicamente seu planeta é Vênus.

Em consequência, os deuses e qualidades de Netzach estão relacionados com o Amor, a Vitória e a Colheita.

Afrodite (Vênus) é a Dama do Amor e da Beleza com o poder de oferecer sua beleza e seu encanto aos demais.

O conjunto das implicações desta sephirah é de amor — embora se trate de um amor de natureza sexual.

Hator é o equivalente egípcio e é um aspecto menor da Mãe Ísis.

Representa-se como uma deusa vaca, indicando as forças reprodutoras da natureza, e era a protetora da agricultura e os frutos da terra.

Bhavani é a deusa hindu de Netzach.

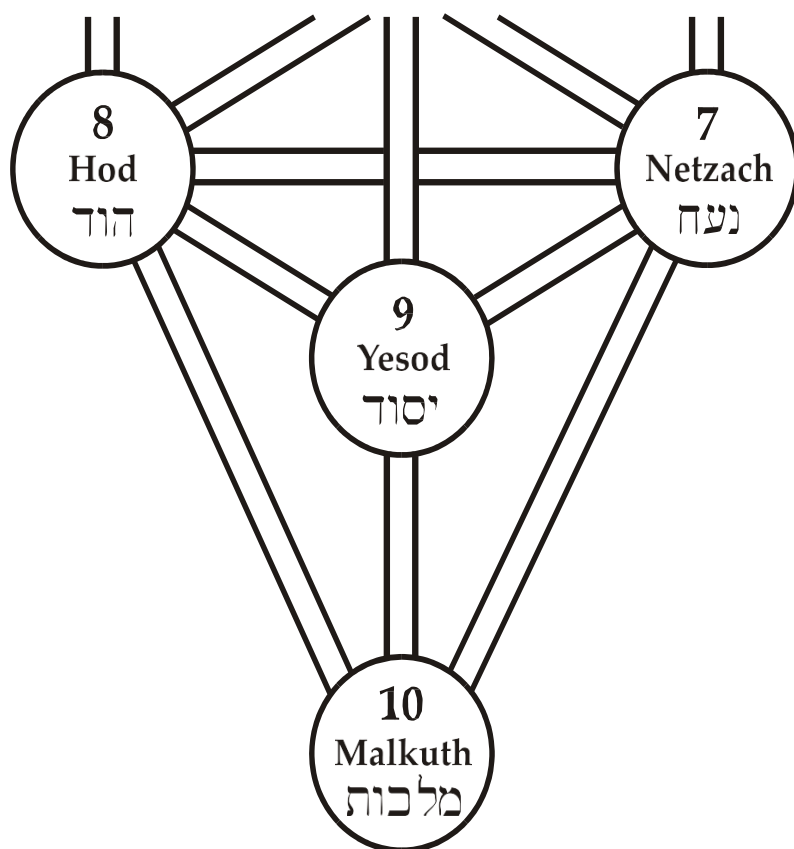


Figura: O Quaternário Inferior

A rosa é sua flor; o sândalo vermelho é seu perfume.

É de conhecimento geral que em algumas enfermidades de origem venérea se usavam azeites de sândalo.

O benjoim também é um perfume de Vênus e sua sedução sensual é inconfundível.

Atribui-se a rosa porque fica harmoniosa com o caráter de Afrodite.

O *Sepher Yetzirah* chama Netzach de "A Inteligência Oculta"; sua cor é o verde, que deriva da união do azul e o amarelo de Chesed e Tiphareth, e suas cartas do Tarô são os quatro Setes.

Hod

Oposta a Netzach na Árvore da Vida está Hod, o "Esplendor", a esfera de Mercúrio.

Em consequência, seus símbolos são claramente mercuriais em qualidade.

Para dar uma ideia da implicação desta sephirah será muito útil entender Hermes, o deus grego atribuído a ela.

É um deus de prudência, astúcia, perspicácia e sagacidade, que é considerado o autor de uma grande variedade de inventos, como o alfabeto, as matemáticas, a astronomia e os pesos e medidas.

Também presidia o comércio e a boa sorte e era o mensageiro e arauto dos deuses do Olimpo.

Segundo Virgílio os deuses o empregavam para conduzir as almas dos mortos do mundo superior aos mundos inferiores.

Neste último aspecto o deus egípcio com cabeça de chacal, Anúbis, é similar, pois era o patrão dos mortos e era representado guiando a alma ao juízo de Osíris em Amennti.

Será muito útil ao estudante recordar que a esfera de Hod representa, em um plano inferior, as qualidades semelhantes àquelas que se obtém de Chokmah.

De Netzach a Hod, a sétima e oitava sephiroth, o *Zohar* diz que por Vitória e Esplendor se entende extensão, multiplicação e força; porque todas as forças que nasceram no universo surgiram de seu seio.

O deus hindu é Hanuman, representado por um símio ou um macaco.

Blavatsky explica amplamente em *A Doutrina Secreta* a interessante teoria de que no interior dos macacos estão aprisionadas as almas humanas de uma natureza mercurial-solar, almas quase com categoria de Divindades, chamadas *Manasaputras*, "Os Filhos Nascidos da Mente de Brahma"; que pode explicar porque os deuses hindus da mente e da inteligência são representados desta forma, aparentemente uma besta sem inteligência como o antropeide.

Sua planta é a Moli (espécie de alho; planta fabulosa de flor branca e raiz negra dada por Hermes a Odisseu como um antídoto contra as feitiçarias de Circe; identificada com a *Galanthus Nivalis*) e sua droga vegetal é o mescal (*Anhalonium Lewinii*, uma variedade de cacto mexicano), que causa, quando se ingere, visões de anéis de cores e de natureza intelectual, intensificando a autoanálise.

Seu perfume é o estoraque, sua joia é a opala, sua cor é o alaranjado — derivado do vermelho de Geburah e o amarelo de Tiphareth —; seu título no *Yetzirah* é "A Inteligência Absoluta ou Perfeita".

As atribuições do Tarô são os quatro Oitos.

Yesod

Netzach e Hod derivam em Yesod, o Fundamento, completando uma série de três

tríades.

Yesod é a base sutil sobre o qual se fundamenta o mundo físico; segundo Eliphas Lévi Zahed e Madame Blavatsky, é o Plano Astral que, em certo sentido, é passivo e reflete as energias de cima, a lunar; inclusive, como a lua, reflete a luz do sol.

A luz astral é um fluido onipresente e permeável ou um meio de matéria extremamente sutil; a substância em um estado altamente tênue, elétrico e magnético em sua constituição, que é o modelo sobre o qual está constituído o mundo físico.

O interminável, imutável fluxo e refluxo das forças astrais que, em último termo, garantem a estabilidade do mundo e proporcionam sua base.

Yesod é este fundamento estável, este fluxo e refluxo imutável de forças astrais, e o poder reprodutivo universal da natureza.

"Tudo voltará a seu fundamento de onde surgiu. Toda medula, semente e energia se reúnem neste lugar. Daqui surgem todas as potencialidades que existem" (*Zohar*).

Seu deus egípcio é Shu, que era o deus do espaço, representado levantando a noite, a Rainha do Céu, do corpo de Seb à Terra.

Seu equivalente hindu é Ganesha, o deus elefante que derruba todos os obstáculos e sustenta o Universo enquanto está de pé sobre uma tartaruga.

Diana era a deusa da luz, que nos tempos romanos representava a Lua.

O conceito geral de Yesod é a mudança com estabilidade.

Alguns escritores se referiram à Luz Astral que é a esfera de Yesod como o *Anima Mundi*, a Alma do Mundo.

O psicanalista Jung tem um conceito muito semelhante ao que denomina o *Inconsciente Coletivo* que, como eu o entendo, não difere em absoluto da ideia cabalística.

Suas plantas são a mandrágora e a damiana, cujos poderes afrodisíacos são bem conhecidos.

Seu perfume é o jasmim, também um excitante sexual; sua cor é a púrpura; seu nome no *Sepher Yetzirah* é "A Inteligência Pura ou Clara"; seu número é o 9 e suas correspondências no Tarô são os quatro Noves.

Uma consideração importante do ponto de vista cabalístico é a atribuição da lua que, de acordo com a tradição oculta, é um corpo morto, todavia vivente, cujas partículas estão cheias de vida ativa e destrutivas, de forte poder mágico.

Malkuth

Dependente do sistema das três Tríades e sintetizando todos os números anteriores está Malkuth, o Reino — a décima sephirah.

Malkuth é o mundo dos quatro elementos, totalmente matéria, e todas as formas percebidas por nossos cinco sentidos, resumindo-se em uma cristalização os nove dígitos anteriores ou série de ideias.

Seb é o deus egípcio atribuído a Malkuth, já que está representado com a cabeça de um crocodilo, o hieróglifo egípcio de matéria densa.

Psyche, o Nephthys inferior, e a solteira Ísis são os outros deuses atribuídos. A Virgem ou a Noiva é outro título zohárico para Malkuth, usado, entretanto, em um sentido particular que veremos no capítulo cinco.

Perséfone é a Terra Virgem e suas lendas indicam as aventuras da alma não redimida; e Ceres também é a divindade solteira da Terra.

Outras deidades são Lakshmi e a Esfinge, atribuídas porque representam a fertilidade da terra e de todas as criaturas.

Em Malkuth, a mais inferior das sephiroth, a esfera do mundo físico da

matéria, onde se encarnam as exiladas *Neshamoth*, do Palácio Divino, ali habita a Presença espiritual de Ain Soph, como uma herança da humanidade, e recordador onipresente das verdades espirituais.

Esta é a razão daquilo que está escrito: "Kether está em Malkuth e Malkuth em Kether, embora de outra maneira".

O *Zohar* sugeriria que o Shechinah verdadeira, a real Presença Divina, está tribuído a Binah pela qual nunca descende, porém que o Shechinah em Malkuth é um eidolon ou Filha da Grande Mãe Suprema.

Isaac Myer sugere que: "Alguns cabalistas a consideram a energia executiva ou poder de Binah, o Espírito Santo ou a Mãe Superior".

O *Sepher Yetzirah* denomina Malkuth como "A Inteligência Resplandecente". Seu perfume é o dictamno de Creta (*Origanum dictamnus*), por causa das peças nuvens de humo denso desprendidas por seu incenso.

Suas cores são: citrino, oliva, castanho-avermelhado e o preto.

Suas cartas do Tarô são os quatro Dez.

Zohar lhe dá a Hé final (ה) do Tetragrammaton e a autoridade lhe atribui as quatro cartas da Princesa do Tarô.

Antes de passar a considerar o próximo capítulo, que trata das correspondências numéricas que pertencem aos vinte e dois Caminhos da Árvore da Vida, julgo ser necessário fazer algumas advertências com vistas a uma possível má interpretação que poderia fazer-se sobre algumas das atribuições que foram dadas as estas sephiroth e aos Caminhos.

Por exemplo, o tabaco, Marte, o basilisco e a espada estão entre as qualidades que pertencem ao fichário de Geburah ou a quinta sephirah.

Aqui o leitor deve evitar cometer o erro quase imperdoável de confundir as premissas lógicas.

Por exemplo, pensando assim "Já que todas estas são correspondências do número cinco, então o tabaco é uma espada e o deus Marte é um equivalente do basilisco".

Este é um perigo real e um erro tremendo de graves consequências.

Ao princípio do estudo comparativo que aqui se apresenta, a implicação básica deste método de classificação das correspondências selecionadas de religiões e filosofias comparativas deverão ser assimiladas a fundo.

Neste caso, as quatro coisas mencionadas anteriormente possuem certa qualidade ou grupo de atribuições de natureza semelhante às dadas.

Há uma relação subjacente que as associa com o número cinco.

Esta ideia deve ser totalmente memorizada se quiser obter algum proveito da cabala e desvanecer toda confusão desde o princípio.

Ver diagraa abaixo

Continua

DIAGRAMA

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
NÚMERO	LETRA HEBRAICA	INGLÊS	PRONÚNCIA	SIGNIFICADO	UNIÃO DE SEPHIROTH	VALOR NUMÉRICO	CAMINHOS DA ÁRVORE	SÍMBOLO ASTROLÓGICO	TRUNFO DO TARÔ
1	א	A	Aleph	Boi	Kether-Chokmah	1	11	△	0. O Louco
2	ב	B, V	Beth	Casa	Kether-Binah	2	12	♄	I. O Mago
3	ג	G, J	Gimel	Camelo	Kether-Tiphareth	3	13	♊	II. A Sacerdotisa
4	ד	D, Th	Daleth	Porta	Chokmah-Binah	4	14	♋	III. A Imperatriz
5	ה	H	Heh	Janela	Chokmah-Tiphareth	5	15	♌	IV. O Imperador
6	ו	V, U, O	Vau	Prego	Chokmah-Chesed	6	16	♍	V. O Hierofante
7	ז	Z	Zayin	Espada	Binah-Tiphareth	7	17	♎	VI. Os Enamorados
8	ח	Ch	Cheth	Cerca	Binah-Geburah	8	18	♏	VII. O Carro
9	ט	T	Teth	Serpente	Chesed-Geburah	9	19	♐	VIII. A Força
10	י	Y	Yod	Mão	Chesed-Tiphareth	10	20	♑	IX. O Ermitão
11	כ	K, Ch	Kaph	Funho	Chesed-Netzach	20	21	♒	X. A Roda da Fortuna
12	ל	L	Lamed	Aguilhão de boi	Geburah-Tiphareth	30	22	♓	XI. A Justiça
13	מ	M	Mem	Água	Geburah-Hod	40	23	♑	XII. O Pendurado
14	נ	N	Nun	Peixe	Tiphareth-Netzach	50	24	♒	XIII. A Morte
15	ס	S	Samekh	Suporte	Tiphareth-Yesod	60	25	♓	XIV. A Temperança
16	ע	O (Nasal)	Ayin	Olho	Tiphareth-Hod	70	26	♑	XV. O Diabo
17	פ	P, F	Feh	Boca	Netzach-Hod	80	27	♊	XVI. A Torre
18	צ	Ts	Tsaddi	Anzol	Netzach-Yesod	90	28	♋	XVII. A Estrela
19	ק	Q	Qoph	Orelha, Nuca	Netzach-Malkuth	100	29	♌	XVIII. A Lua
20	ר	R	Resh	Cabeça	Hod-Yesod	200	30	♍	XIX. O Sol
21	ש	Sh, S	Shin	Dente	Hod-Malkuth	300	31	♎	XX. O Juízo
22	ת	T, S	Tau	Cruz	Yesod-Malkuth	400	32	♏	XXI. O Mundo